

PMDB é o maior vexame das eleições em Brasília

Oswaldo Buarim Jr.

Campeão nacional de votos para a Câmara dos Deputados, com previsão de ocupar 120 das 503 vagas de deputado federal, o PMDB foi a maior decepção da eleição no Distrito Federal. Coligado com PLS, PS e PRP, o partido não elegera nenhum deputado federal ou distrital, apenas colaborando com os votos de legenda para eleger dois deputados distritais do PL e um do PRP. Nomes bem votados em 1986, foram agora rejeitados como o Marco Antônio Campanella, primeiro suplente na Câmara Federal ex-secretário do Trabalho no GDF, que sequer passou do 39º lugar na classificação geral para distrital da quinta posição na própria Frente Liberal Progressista.

O PMDB caminhou para a degola, e seus dirigentes já sabiam disto. O próprio presidente do par-

tido, Lindberg Aziz Cury, confessou durante as conversações para fechar o acordo com o PL que o então candidato Joaquim Roriz queria força-lo a disputar o Senado para eliminar suas chance de vitória e dificultar que a coligação atingisse o quociente eleitoral. O quociente só foi atingido para a Câmara Legislativa, mas ainda assim o PMDB perdeu a terceira vaga para o sindicalista Francisco Cláudio Monteiro, eleito somente com os votos dos policiais civis de Brasília.

Dissidência

A dissidência de 20 candidatos a deputado federal e distrital do PMDB, que no último mês de campanha trocaram a candidatura a governador de Elmo Serejo por Joaquim Roriz, não evitou a tragédia das urnas. Os dissidentes brigaram com os coordenadores de

campanha e perderam até o espaço no horário eleitoral gratuito na televisão. Zamor Magalhães, o mais votado do PMDB para a Câmara Federal, não passou de 3 mil 351 votos. A coligação registrou 27 mil votos, muito aquém do quociente eleitoral de 89 mil votos.

Outra dificuldade do PMDB foi apresentar candidatos sem estar mais no governo, como acontecia em 1986. Na ocasião, os apoios de José Aparecido como governador e do presidente Sarney e seu Plano Cruzado garantiram o sucesso pemedebista nas urnas. Em 1990, o PMDB também foi à eleição sem os militantes que hoje estão no PSDB, PCB e PC de B, além de outros que entraram nos pequenos partidos das coligações de Roriz. E cumpriu-se o que temia Lindberg, que só teve o consolo de ser o terceiro senador mais votado, com 13 mil votos à frente de Pompeu de Sousa.